

# I. UM PROJETO COMUM DE VIDA... PARA UMA VIDA DE COMUNHÃO



A alegria do Evangelho  
da família é a nossa Missão

Pastoral Familiar - Matosinhos



*– Fazer uma apresentação inicial dos pares dos noivos e dos casais que os acompanham. De seguida desenvolver a conversa, com alguns tópicos de aprofundamento.*

**Acabámos de nos apresentar. E ficou bem claro, para todos nós que:**

## **1. SOMOS DIFERENTES**

2

Isto já não é novidade para nós! Muitos já se conhecem há muito tempo... Mas cada um será sempre surpresa para o outro!

### **1.1. NUNCA NOS CONHECEREMOS COMPLETAMENTE...**

Há, em mim, uma parte, que nunca será totalmente conhecida, nem por mim, nem pelo outro. Há, no outro, uma parte que nunca será totalmente conhecida nem por ele, nem por mim. Somos “um mistério”, para nós e para os outros, somos uma realidade tão rica e tão complexa, que é inesgotável no seu conhecimento e compreensão. De modo, que nos vamos “revelando” ao longo da vida, sem nunca nos reduzirmos a uma realidade totalmente conhecida.

E o nosso conhecimento, de nós mesmos, ou o conhecimento que temos um do outro, só progride, na medida em que nos amarmos. Só o amor é fonte de um conhecimento profundo.

A vida vai-nos mostrando, que não podemos ter a pretensão de conhecer tudo de nós próprios ou do outro, de compreender tudo de mim ou do outro. Mas só conhece quem ama, quem se deixa amar, abrindo-se ao outro, acolhendo o outro. “Cada um dos cônjuges é um instrumento de Deus para fazer crescer o

outro” (AL 221). Devemos ter cuidado por não ter expectativas demasiado altas a respeito do outro, pedindo a um ser humano o que é próprio de um ser divino (cf. AL 221), pois “nem todos os sonhos podem ser acalentados” (AL 238). Há que aprender a desiludir-se do outro (cf. AL 320).

Perguntemos um ao outro: *o que mais te tem surpreendido em mim?*

## 1.2. SOMOS HOMEM E MULHER E ISSO JÁ FAZ TODA A DIFERENÇA

Temos histórias de vida diferentes, que nos moldam o caráter, de modo único e original. Vimos de famílias diferentes, com hábitos e culturas de vida provavelmente diferentes. Temos temperamentos e sensibilidades diferentes. Temos gostos diferentes; somos adeptos de clubes diferentes; votamos em partidos diferentes... Ui, quantas diferenças... Não se podem apagar as diferenças; é inevitável a distância que existe entre os dois (cf. AL 155).

Todavia esta diferença não é uma ameaça a abater ou a esbater! É uma riqueza a acolher, a partilhar, a integrar. Não casamos, para anular ou destruir, mas para potenciar e integrar estas diferenças. Não é tarefa fácil: por muito que nos amemos, por muito que gostemos um do outro, abrir espaço em nós, para o outro, na sua diferença, é sempre «violento», é sempre muito exigente e doloroso.

A nossa tendência é a de fazer o outro “à nossa imagem e semelhança”... Tendemos a querer que o outro se converta ao nosso ritmo, ao nosso estilo, à nossa maneira de ser... Mas é uma ilusão. Podemos mudar hábitos, costumes, regras de vida... Mas não mudamos o caráter, o temperamento, a estrutura psicológica do outro... Já nos demos conta disso?

## 1.3. MAS, PARA CASAR, TEMOS DE TER ALGO EM COMUM!

“Querer a mesma coisa e rejeitar a mesma coisa é, segundo os antigos, o autêntico conteúdo do amor” (Bento XVI, DCE 17). O amor leva à união não só do mesmo pensar como do mesmo querer. É fundamental, para o

casal, «querer o mesmo e não querer a mesma coisa» da vida... Ter uma visão comum do projeto de vida...

O mais importante, portanto, não é ter «feitos iguais» ou «feitos diferentes». O mais importante é ter um projeto comum de vida. Um projeto que não é de um ou de outro, mas que é de ambos e implica a ambos. Este projeto tem de ser concebido, na escuta e no respeito do outro. O casal deve procurar conversar e ajustar posições, de modo que ambos dialoguem e cheguem a acordo, sobre dimensões importantes deste projeto de vida. Só assim assentará «a casa sobre a rocha», como diz o evangelho. É muito importante cada um exprimir ao outro o que espera do Matrimônio, o tipo de vida em comum que se quer projetar (cf. AL 209), pois muitos noivos *“limitaram-se a divertir-se juntos, mas não enfrentaram o desafio de se manifestarem a si mesmos”* (AL 210).

## 2. SUGERIMOS QUE CADA PAR DE NOIVOS ANALISE E PREENCHA ESTE QUADRO:

DIMENSÕES DO PROJETO DE CASAL	Houve diálogo?	Chegámos a acordo?
1. PERGUNTAS SOBRE A CASA: É necessário mobilá-la, decorá-la... as roupas, a comida e as compras. Talvez o carro... a casa é seu habitat onde o casal passa a maior parte do tempo juntos, ela tem que ser expressão do seu querer juntos.		
2. OS PROBLEMAS FAMILIARES: Como deve ser a administração da casa? Despesas prioritárias... critérios de economizar. Relações com a família do nosso cônjuge.		
3. DIVERSÕES E VIDA SOCIAL: Amigos, saídas, visitas aos pais, lugares de diversão.		
4. A VIDA SEXUAL MÚTUA: Dialogar sobre satisfação ou descontentamento, conhecimento mútuo, gostos, necessidades...		

5. TRABALHO: Trabalho da mulher fora da casa. Trabalho do marido em casa. Satisfação ou descontentamento no trabalho. Repercussão na dinâmica do casal.		
6. INDEPENDÊNCIA RELATIVA DO CÔNJUGE: Que grau de independência aceitar em relação ao par?		
7. DIMENSÃO RELIGIOSA: Atitudes, os modos de viver a fé, a esperança e o amor, a nossa ação, a nossa relação com a comunidade paroquial, o nosso compromisso social.		
8. EDUCAÇÃO DOS FILHOS: Os filhos mudam substancialmente a vida do matrimônio. É necessário dialogar o ter filhos, quantos, como os educar, os estudos, o exercício da autoridade, os valores.		
9. OS HÁBITOS PARTICULARES: Os costumes relativos às comidas, o modo de vestir, os modos sociais, os hobbies, o que gostamos, o que não gostamos.		
10. AS FAMÍLIAS DE ORIGEM: Conhecemos as nossas famílias de origem? As suas tradições, costumes? As suas vivências mais profundas?		

### 3. É PERGUNTEMO-NOS, POR FIM (DIALOGUEMOS SOBRE ISTO):

#### 3.1. HÁ, NA NOSSA VIDA, ASSUNTOS “TABU” SOBRE OS QUAIS NÃO DIALOGAMOS?

Porquê? Não são temas importantes? Temos medo de enfrentar as nossas diferenças de perspectivas? “Escondemos debaixo do tapete” algumas questões, com medo de as enfrentar? Deitamos “para trás das costas”, ou “empurramos com a barriga” ou pomos os problemas à nossa frente, para os resolver?

#### 3.2. JÁ CHEGÁMOS A ACORDO SOBRE QUESTÕES FUNDAMENTAIS

As nossas prioridades de vida, a relação com a nossa família de origem, a nossa prática de vida cristã, a educação dos nossos filhos, etc... Se não chegámos a acordo, o que é preciso fazer?

## 4. É IMPORTANTE ASSENTAR A CONSTRUÇÃO DA NOSSA VIDA, EM FUNDAMENTOS SÓLIDOS.

Nós estamos a pensar construir o nosso projeto de casal. **É como construir a nossa moradia interior.** O evangelho aconselha-nos a que construamos em rocha.

Leiamos ou escutemos um dos evangelhos possíveis, para a liturgia do casamento:

**Mt.7,24-27** (*Ler a passagem*)

*<sup>24</sup>«Todo aquele que escuta estas minhas palavras e as põe em prática é como o homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha. <sup>25</sup>Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa; mas não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. <sup>26</sup>Porém, todo aquele que escuta estas minhas palavras e não as põe em prática poderá comparar-se ao insensato que edificou a sua casa sobre a areia. <sup>27</sup>Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa; ela desmoronou-se, e grande foi a sua ruína.»*

## 5. HÁ, PORTANTO, DOIS MODOS DE CONSTRUIR:

**a) Construir “sobre a areia” é assentar a vida, nos modelos e propostas oferecidas pela cultura dominante:**

- Cultura do provisório: «até quando der»...
- Cultura do prazer: «enquanto for bom»...
- Cultura da facilidade: «se correr bem»...
- Cultura do consumo e bem-estar material: «desde que não me incomode»...
- Cultura do indivíduo: «que o outro me faça feliz»...
- Cultura dos mass-media: «porque não experimentar?»...

**b) Construir sobre a rocha é assentar a vida sobre valores sólidos, tais como:**

- Generosidade: o dom de si;
- Disponibilidade para a partilha;
- Compreensão, tolerância, perdão: uma vida sem perdão é um inferno;
- Solidariedade e ajuda mútuas;
- Fidelidade ao outro. A fidelidade é o nome do amor no tempo;
- Respeito pela vida e pela dignidade de cada um dentro da família;
- Intimidade construída na ternura e na doação...

**c) Construir sobre a rocha é, para um casal cristão, construir sobre Cristo e a Igreja.**

Construir sobre a rocha significa estar *consciente de que haverá contrariedades*.

Edificar sobre a rocha significa poder contar com a consciência de que nos momentos difíceis existe uma força segura em que confiar!

Construir sobre Cristo quer dizer fundamentar na Sua Palavra, na Sua vontade, todas as aspirações pessoais, as expectativas, os sonhos, as ambições e todos os projetos. Não pode perder aquele que aposta tudo no amor crucificado.

Quem constrói sobre Cristo, constrói sobre a Igreja, que é o Seu Corpo, e diante da qual o casal dá o seu «sim», para ser enviado em missão, como testemunha do amor de Deus no mundo! O casal conta com Cristo como Cristo conta com o casal!

O casal conta com a Igreja como a Igreja conta com o casal. Não é bom que o casal esteja só!



“(…) O problema é que o deslumbramento inicial leva a procurar esconder ou relativizar muitas coisas, evitam-se as divergências, limitando-se assim a adiar as dificuldades para depois. Os noivos deveriam ser incentivados e ajudados a poderem expressar o que cada um espera dum eventual matrimónio, a sua maneira de entender o que é o amor e o compromisso, aquilo que se deseja do outro, o tipo de vida em comum que se quer projetar. Estes diálogos podem ajudar a ver que, na realidade, os pontos de contacto são escassos e que a mera atração mútua não será suficiente para sustentar a união. Não há nada de mais volúvel, precário e imprevisível que o desejo, e nunca se deve encorajar uma decisão de contrair matrimónio se não se aprofundaram outras motivações que confirmam a este pacto reais possibilidades de estabilidade.

No caso de se reconhecer com clareza os pontos fracos do outro, é preciso que exista uma efetiva confiança na possibilidade de ajudá-lo a desenvolver o melhor da sua personalidade para contrabalançar o peso das suas fragilidades, com um decidido interesse em promovê-lo como ser humano. Isto implica aceitar com vontade firme a possibilidade de enfrentar algumas renúncias, momentos difíceis e situações de conflito, e a sólida decisão de preparar-se para isso. Deve ser possível detetar os sinais de perigo que poderá apresentar a relação, para se encontrar, antes do matrimónio, os meios que permitam enfrentá-los com bom êxito. Infelizmente, muitos chegam às núpcias sem se conhecer. Limitaram-se a divertir-se juntos, a fazer experiências juntos, mas não enfrentaram o desafio de se manifestar a si mesmos e apreender quem é realmente o outro”.